

Folha de S. Paulo

29/7/1984

Poucos pontos do acordo de Guariba são respeitados

Geraldo Hasse

Dois meses e meio depois de assinado em Jaboticabal, o chamado "acordo de Guariba", que deu fim à violenta revolta dos bóias-frias desta pequena cidade da zona canavieira paulista, não apresenta um balanço animador. Na prática estão sendo cumpridas integralmente apenas duas cláusulas do acordo: o corte de cinco ruas e o transporte gratuito, já consagradas ao longo dos anos. Os outros itens — carteira assinada, pagamento quinzenal direto ao trabalhador, fornecimento de ferramentas e roupas protetoras, caixa de medicamentos, no local de serviço, transporte das ferramentas em separado e principalmente o preço da cana parcialmente, sobretudo nas usinas mais organizadas do Estado.

"O acordo é burlado de forma quase sistemática pelos empreiteiros de mão de obra que prestam serviço aos fornecedores avulsos de cana", afirma o advogado José Abadia Bueno Peres, chefe do posto de atendimento da Secretaria de Relações do Trabalho em Sertãozinho, a "capital do açúcar e do álcool", situada no centro de uma região com 188 agroindústrias canavieiras.

Por sua disposição de assumir de fato o papel de mediador nos conflitos trabalhistas em sua jurisdição, onde trabalham cerca de 60 mil bóias-frias na safra de cana, o posto da Secretaria do Trabalho em Sertãozinho transformou-se, após o "acordo de Guariba", no estuário de milhares de queixas de trabalhadores rurais.

"Agora a coisa está se acalmando", conta Abadia, "mas no mês de junho e na primeira quinzena de julho nós recebemos uma média de 150 denúncias por dia". A principal queixa dos bóias-frias: os empregadores "estão metendo a mão" no pagamento do corte de cana.

Acordo desrespeitado

A denúncia é tão velha quanto a cana no Brasil, mas agora é outro o contexto. "O acordo de Guariba é uma estaca precariamente cravada no chão das relações de trabalho rural", disse o Secretário do Trabalho, Almir Pazzianotto Pinto, logo após a explosão dos bóias-frias em maio último. Bela metáfora, mas a precária estaca em que se baseiam os trabalhadores rurais para fazer suas denúncias ameaça ficar como um marco simbólico se os canais legais disponíveis não saírem do formalismo em que estão.

Além da própria desorganização dos trabalhadores rurais, cuja explosão de maio diluiu-se nos gritos de vitória e, depois em jornadas de trabalho estafantes, concorrem para o insucesso do acordo de Guariba a omissão dos sindicatos rurais, que raramente escapam à prática do peleguismo; a inoperância do sistema de fiscalização do Ministério do Trabalho; o continuado abuso de poder dos empregadores; e a invasão de bóias-frias de outros Estados, especialmente Minas Gerais e Bahia, que atraídos pela oferta de trabalho não questionam os preços pagos pelo corte da cana.

O que sobrou de Guariba? "Os episódios de Guariba criaram uma situação nova em que os trabalhadores rurais adquiriram consciência de sua força e condições psicológicas para se reunir e agir em grupo", explica a assistente técnica do posto da Secretaria do Trabalho em Sertãozinho, Odete de Souza, um dos cinco advogados que dão orientação trabalhista aos bóias-frias da região. Um dos principais problemas dos trabalhadores é que eles praticamente não têm a quem recorrer. Na região nordeste paulista, que representa cerca de um terço da

produção brasileira de álcool e açúcar, eles vêm encontrando hoje uma excepcional boa vontade nos 13 funcionários do posto da SRT em Sertãozinho, cuja estrutura é obviamente insuficiente para atender à demanda suscitada pelo acordo de Guariba.

(Geral — Página 6)